

## O cotidiano escolar no e com o livro “Cinzas do Norte” de Milton Hatoum<sup>1</sup>

Marcos Reigota\* & Nilda Alves\*\*

Tendo como referência o livro “Cinzas do norte” de Milton Hatoum o artigo discute aspectos do cotidiano escolar durante a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1984) através da amizade de Lavo e Mundo. Em três movimentos políticos e teóricos sugere possibilidades pedagógicas relacionadas com a vida cotidiana, nas quais os e as estudantes são protagonistas. O presente artigo se situa no campo dos estudos culturais relacionados com o cotidiano escolar no Brasil contemporâneo.

**Palabras claves:** Milton Hatoum, Cotidiano escolar, ditadura, práticas pedagógicas, narrativas.

*This essay examines Milton Hatoum's novel “Cinzas do Norte” (Ashes of the Amazon) and its connections with school every day life. It is 1964 when Lavo and Mundo meet at school and the beginning of the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1984). In three movements it defends pedagogical practices closed with everyday life which students are protagonists. The essay is in the field of Cultural Studies and school everyday life in contemporary Brazil.*

**Keywords:** Milton Hatoum, School everyday life, dictatorship, pedagogical practices, narratives.

**O**s romances, contos, crônicas e entrevistas de Milton Hatoum têm sido permeados por posições sobre a escola, escolaridade e o cotidiano escolar em diferentes momentos do Brasil contemporâneo.

A educação, em suas diversas manifestações, não é o tema central de sua obra, mas ela se relaciona com a temática ficcional que aborda e também como discurso político de intelectual público como explicita Edward Said em “Representações do Intelectual” (2005: 78), traduzido pelo próprio Milton Hatoum. Segundo ele o intelectual

*não representa um ícone do tipo estátua, mas uma vocação individual, uma força obstinada, abordando com uma voz empenhada e reconhecível na linguagem e na sociedade uma porção de questões, todas elas relacionadas, no fim de contas, com uma combinação de esclarecimento e emancipação ou liberdade. (Said, 2005: 78).*

\* Professor da Universidade de Sorocaba. E-mail: marcos.reigota@prof.uniso.br

\*\* Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-Pesquisadora do Cnpq-nível 1 A.

1. Esse artigo é resultado de pesquisa financiada pelo Cnpq.



Os encontros pessoais de Milton Hatoum com seus leitores e com professores do ensino fundamental e médio são constantes e dessa experiência resultam crônicas em que enfatiza o papel da escola e dos professores como por exemplo nas crônicas publicadas inicialmente no jornal O Estado de São Paulo : “Uma viagem ao interior” (2010 a), “O penúltimo afrancesado” (2010b) e “Lições de uma inglesa” (2011), posteriormente publicadas no livro “Um solitário à espreita” (Hatoum, 2013).

Ele não é, evidentemente, o único escritor que nos oferece abordagens sobre o cotidiano escolar brasileiro em diferentes momentos históricos. (Rocha & Neto, 2012; Reigota, 2010), no entanto Milton Hatoum é um dos poucos autores contemporâneos brasileiros que tem abordado a temática de forma contínua (Reigota, 2003). Seus textos se aproximam dos relatos e narrativas dos professores e das professoras com os quais trabalhamos e de nossas próprias experiências escolares, principalmente após o golpe militar de 1964 até os dias atuais. Nesse sentido a obra ficcional de Milton Hatoum pode ser lida como um elemento importante no debate pós-moderno sobre história, ficção, escrita de si e auto-ficção (Gomes, 2004, Gomes & Schmidt, 2010) e também como uma contribuição singular aos estudos sobre o cotidiano escolar que

*estão, cada vez mais, exigindo o desenvolvimento de reflexões que nos permitam, ao ensaiar respostas, avançar na compreensão do que é e do que pode representar o cotidiano para a ampliação do nosso entendimento a de alguns processos sociais que foram negligenciados pelas grandes narrativas da modernidade, com seu sistema de pensamento que tornou idênticas as ideias de rotina e de cotidiano (Oliviera, 2003: 49).*

Nesse artigo optamos por focar o romance “Cinzas do Norte” (Hatoum, 2005) no qual o autor explicita em inúmeras passagens, diferentes cotidianos escolares em Manaus, no período compreendido pouco antes e durante a ditadura civil-militar (1964-1984).

Das principais personagens, Lavo e Mundo, são adolescentes nessa cidade quando a ditadura se instaura. Eles são de classes sociais bem diferentes e antagônicas que mantêm relações afetivas, sociais e de trabalho intercruzadas na vida cotidiana. É no encontro que ocorre na mesma escola pública em que estudavam, o tradicional ginásio Pedro II, que se inicia a amizade entre Lavo e Mundo.

Lavo é o narrador que conta a história de Mundo e dessa amizade, como se “precisasse se livrar do fantasma que deixou no passado”. (Cavalihero, 2012: 172).

*Antes de conviver com Mundo no ginásio Pedro II, eu o vi uma vez no centro da Praça São Sebastião: magricelo, cabeça quase raspada, sentado nas pedras que desenham ondas pretas e brancas... Só fui tornar a encontra-lo em meados de abril de 1964, quando as aulas do ginásio Pedro II iam começar depois do golpe.*

*Os bedéis pareciam mais arrogantes e ferozes, cumpriam a disciplina à risca, nos tratavam com escárnio. Bombom de Aço, o chefe deles, mexia com as alunas, zombava dos mais tímidos, engrossava a voz antes de fazer a vistoria da farda.” Bora logo, seus idiotas: calados e em fila indiana”(…). No começo ele foi apenas um colega de sala (Hatoum, 2005: 12).*

A provinciana Manaus narrada por Milton Hatoum, não era muito diferente de outras cidades pelo interior do Brasil. A ditadura foi amplamente apoiada pelos civis e pela “intelectualidade” dessas cidades e se manifestava nos discursos e atitudes dos professores, nas colunas dos jornais locais, nos programas de rádio, no trabalho, nas festas e bailes nos clubes, nos grupos religiosos avessos à Teologia da Libertação e nas conversas cotidianas. Era comum se ouvir pelo interior do Brasil a frase pronunciada pelo padrasto de Mundo: “Treinamento militar”, disse Jano, saudando um oficial.



**“Falta isso ao meu filho...correr e saltar com coragem, que nem esses rapazes armados” (Hatoum, 2005: 34).**

No Brasil interiorano, conservador e provinciano eram raros os grupos e pessoas que se posicionavam abertamente contrários à ditadura civil-militar. Aqueles e aquelas que se atreviam a criticar a ordem política vigente eram minoritários e bem conhecidos, correndo todos os riscos que isso implicava.

Nessas cidades a ditadura estava bem presente, aliada ao conservadorismo cultural, religioso e político que impregnava as práticas sociais do período (Vendramini, 1999).

O cotidiano escolar foi um dos mais propícios espaços para a difusão e legitimação da ditadura civil-militar.

Entre os muitos méritos da obra de Milton Hatoum um deles é deslocar o discurso e a produção ficcional sobre esse período dos centros urbanos e capitais mais conhecidas (principalmente Rio de Janeiro e São Paulo) e colocá-los no cotidiano de outros locais, particularmente em Manaus (Santos, 2012, Gomes, 2007).

O tom memorialístico da narrativa evidencia as ações de anônimos no processo de desestabilização da ordem e do discurso impositivos dos militares e seus aliados civis tendo o cotidiano escolar como cenário, como no trecho abaixo:

*As primeiras caricaturas causaram alvoroço no Pedro II: apareceram na capa dos quatrocentos exemplares do Elemento 106, o jornaleco do grêmio. Destacava-se o desenho do semblante carrancudo do marechal-presidente: a cabeça rombuda, espinhenta e pré-histórica de um quelônio, o corpo baixote e fardado envolto numa carapaça. Ao redor das patas, uma horda de filhotes de bichos de casco com feições grotescas; o maior deles, o Bombom de Aço, segurava uma vara e ostentava na testa o emblema do Pedro II. Um mês de suspensão para os diretores, dez dias*

*para o artista, e apreensão do jornal. Mesmo assim, a capa do Elemento 106 ficou exposta por toda parte: nos banheiros, na cantina, nas lousas, na porta da sala da direção. Era arrancada e rasgada, e reaparecia no dia seguinte, apesar das rondas dos bedéis, e das ameaças de punição e até de expulsão (Hatoum, 2005: 16-17).*

Se a narrativa em “Cinzas do Norte” nos remete principalmente a Manaus dos anos 1960 e 1970, a sua leitura nos remete a “espaçostempos” (Alves, 2003: 66) diversos e é justamente esse aspecto (o da leitura que ocorre no e através das práticas pedagógicas cotidianas) que nos interessa abordar nesse artigo.

As relações entre texto e leitura, história e memória, narrativa do outro e escrita de si, são alguns dos indicadores teóricos e conceituais do “primeiro movimento” de exploração e de aproximação das narrativas sobre o cotidiano escolar em um texto ficcional que temos nos dedicado como pesquisadores do campo dos estudos culturais.

Nesse sentido a teoria literária tem nos oferecido abundantes estudos, sobre escrita e leitura, e numa vertente mais próxima dos nossos objetivos, tem sido fundamentais os textos e contribuições de Silviano Santiago sobre a reescrita e a deglutição de textos canônicos por parte dos leitores. (Santiago, 2006; 2004; 2000; 1981; 1978).

Essas observações acima são necessárias para indicar que estamos atentos e que acompanhamos o debate e a produção contemporânea dos pesquisadores da teoria literária, mas não temos a intenção de desenvolvê-los aqui (ou em outro lugar), nem nos incluímos nesse campo de pesquisa, embora os estudos do crítico, teórico, professor e escritor Silviano Santiago tenham sido fundamentais para o que nos propomos abordar.

Por outro lado estamos atentos à discussão provocada pela obra de Milton Hatoum no campo específico dos estudos literários (Leão, 2012) assim como a sua recepção pelo público. Essa segunda observação está pautada nas



observações e conversas cotidianas no círculo informal de leitores dos romances de Milton Hatoum com os quais convivemos socialmente ou seja, com ávidos leitores e leitoras que descompromissados de qualquer análise acadêmica são severos críticos de textos literários. Esses leitores e leitoras foram formados no processo de acesso a opções literárias, artísticas, culturais e políticas ao longo de suas trajetórias como consumidores de produtos culturais.

Apesar de termos em Silviano Santiago um dos principais nomes da teoria literária alguns dos apoios teóricos mais recorrentes para poder “transportar” a obra de Milton Hatoum para os estudos sobre cotidiano escolar, a nossa aproximação com o que ele pesquisa e torna público se relaciona com a sua contribuição aos estudos culturais (Lopes, 2008; Medeiros, 2004).

É no movimento teórico e político dos estudos culturais, entendido como “una zona transdisciplinaria de estudios sobre cultura, poder y hegemonia” (Richard, 2010: 68) que pedimos licença para reivindicar e incluir nosso artigo.

Temos procurado pesquisar como que o texto ficcional contemporâneo pode contribuir com práticas pedagógicas cotidianas, para além das disciplinas específicas relacionadas com o estudo da literatura brasileira, nos diferentes níveis de escolaridade.

Essas práticas pedagógicas cotidianas procuram colocar em evidência e no espaço público através das “escritas de si” as micronarrativas dos anônimos, daqueles que vivem às margens dos espaços e mecanismos de validação e difusão ou seja do que Pierre Bourdieu denomina “o mercado dos bens simbólicos” (Bourdieu, 2010: 162).

As escolhas literárias que fazemos e que levamos ao cotidiano escolar estão relacionadas com as sensações que esses textos nos provocam e como que elas nos afetam, como sujeitos, cidadãos, professores, pesquisadores, leitores, entre tantas outras identidades possíveis e conexões que reivindicamos. Como pesquisadores, pretendemos observar

o que esses mesmos textos que nos são caros provocam quando adentram o cotidiano escolar, ou seja: quais outras narrativas (escritas, orais, visuais, sonoras) provocam nos nossos alunos e alunas quando “o leitor entra em cena e assume seu papel não apenas de espectador, mas também de autor”. (Carneiro, 2001: 22).

Consideramos que os textos ficcionais dialogam com a história de cada um sobre temas complexos e permitem que histórias silenciadas ganhem o espaço público, mesmo que durante o tempo limitado das práticas pedagógicas cotidianas. Nesse sentido o leitor e a leitora são os protagonistas que, no movimento de leitura, fazem o movimento de retornar e conectar ao texto ficcional as suas trajetórias e que possam construir “suas próprias ressignificações, do Mundo do mundo ou de ambos” (Cavalihero, 2012: 173).

Em outras palavras o que o que pretendemos ao incluir nas nossas práticas pedagógicas a leitura de “Cinzas do Norte” é provocar ressignificações por parte de nossos alunos e alunas e com isso produzir narrativas e escritas de si que adentram o espaço público através do cotidiano escolar.

Essa possibilidade pedagógica traz implícita a dimensão política de colocar no espaço público outras vozes e narrativas sobre acontecimentos históricos, fatos e temas da sociedade contemporânea e da vida cotidiana. (Catunda, 2013; Monteiro, 2013)

Por outro lado, procura provocar a reflexão e o debate, sobre como que cada um de nós e o “outro” afetamos e somos afetados pelo que acontece no tempo histórico e nos espaços em que vivemos e circulamos, ou seja: “Como as histórias que contamos nos ajudam a perceber a nós mesmos e aos outros?” (Manguel, 2008: 13).

Nosso objetivo é também, provocar e estimular a ressignificação política das práticas pedagógicas, atravessadas pelas experiências e pelas memórias dos



anônimos que frequentam, caracterizam e singularizam o cotidiano escolar. O trecho abaixo de “Cinzas do Norte” é muito adequado a esse objetivo.

*“No meio da semana seguinte, as aulas da faculdade de direito foram canceladas em protesto contra o assassinato de um aluno da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. A imprensa falara pouco e de forma obscura, mas os informes enviados pela Ordem dos Advogados acusavam os militares. Além da revolta, medo. Diziam que um dos professores era agente do governo federal. Estudantes se juntavam nas escadarias, e o presidente do grêmio já começava a discursar, quando vi Mundo no jardim da praça dos Remédios. Sentado na grama, desenhava o rosto de um menino. Ao terminar, entregou o desenho ao menino, que olhou para o papel, caiu na risada e desceu a praça correndo até o porto da Escadaria” (Hatoum, 2005: 122).*

A passagem acima inicia o “segundo movimento” desse artigo e nos possibilita explicitarmos e exemplificarmos nossos objetivos acima citados, principalmente no que se refere à história e aos fatos de grande impacto social e político e as suas relações com a vida cotidiana de pessoas anônimas pelo interior do Brasil e como que isso possibilita o surgimento e a visibilidade de outras narrativas sobre os mesmos fatos presentes em “Cinzas do Norte”.

Provavelmente Milton Hatoum ao escrever nesse livro sobre o estudante da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) assassinado pela ditadura, estivesse se referindo ao estudante de geologia Alexandre Vannucchi Leme assassinado em 1973. Ele retoma a esse mesmo tema na crônica “Um jovem, o velho e um livro” em que ele explicita e confirma nossa hipótese. Na referida crônica ele escreve:

*“Eu morava em São Paulo e participava de uma festa maluca, em que o rock alternava com a bossa-nova e ninguém se entendia com ninguém*

*porque não valia apenas falar. Melhor ouvir música e dançar, não para esquecer, e sim para expelir a tristeza e a revolta dos que tinham ido à missa do sétimo dia de Alex, vulgo Minhoca: um estudante do curso de geologia(USP), executado covardemente numa das celas sujas do subsolo da cidade” (Hatoum, 2013: 184)*

O assassinato do jovem sorocabano Alexandre Vannucchi Leme é de amplo conhecimento público e seu impacto político foi esmiuçado no livro “Diálogos na sombra: bispos e justiça na ditadura” (Serbin, 2000) e mais recentemente no livro “Alexandre Vannucchi Leme: jovem, estudante, morto pela ditadura” (Vannucchi, 2014).

Alexandre Vannucchi Leme era sobrinho do professor e ex-padre ligado à Teologia da Libertação Aldo Vannucchi, um dos mentores e ex-reitor da Universidade de Sorocaba (Uniso). O professor Aldo, como é conhecido, com o endurecimento do regime deixou o Brasil. Passou pela Universidade Católica de Louvain, onde estudou com François Houtart, conhecido padre e sociólogo que orientou várias teses que fundamentaram a Teologia da Libertação, sendo também um dos mentores e presença frequente nos Fórum Social de Porto Alegre. Em Genebra, o professor Aldo trabalhou com Paulo Freire. (Germano & Reigota, 2007).

A relação do professor Aldo com a ala combativa da Igreja Católica, fez com que Dom Paulo Evaristo Arns realizasse a missa de sétimo dia de Alexandre Vannucchi Leme, na catedral da Sé em São Paulo, marcando assim a posição pública e aberta da Igreja Católica contra a ditadura civil-militar.

Dom Paulo Evaristo Arns recebeu o título de doutor honoris causa da Universidade de Sorocaba em 10 de agosto de 2001.

Mas como o assassinato de Alexandre Vannucchi Leme foi recebido pelos jovens de Sorocaba, que o conheciam,





ou que conheciam a sua família? Como se discutiu, se escondeu, se silenciou sobre esse assassinato no cotidiano escolar sorocabano? Essas são algumas das questões presentes na dissertação de mestrado em educação de Leni Palmira Piacitelli Vendramini. “Fios da memória das estudantes sorocabanas durante a ditadura militar (1964-1984)”. (Vendramini, 1999). Com essas questões e eventuais respostas podemos obter outras narrativas sobre os fatos. A pesquisadora entrevistou estudantes, todas elas mulheres, que se encontravam no momento da pesquisa cursando o mestrado em educação na Universidade de Sorocaba. Uma das entrevistadas, nascida em 1961, filha de um policial militar, narra como soube do assassinato de Alexandre Vannucchi Leme e suas reações. Ela diz:

*“Eu me lembro que naquele dia todas as professoras conversavam nas portas das salas de aula. A gente ficava fazendo as tarefas e elas saindo e entrando. Vinha uma, vinha outra ou a própria professora da sala pedia para um aluno ficar “marcando” (observando) o comportamento dos outros alunos(...). Nesse dia eu me lembro que foi um burburinho na escola. Não recordo se foi na quinta ou na sexta série que houve questão de um garoto de minha classe que não sei se era irmão ou primo do Alexandre Vannucchi Leme que foi morto durante um conflito e tal. Eu lembro que nesse dia, os professores... muitos choravam, Um vinha, conversava um pouco e chorava, sempre um chegava e outro saía, chorando. E a gente (os alunos) não sabia o que era. Sabia que alguma coisa tinha acontecido, mas não exatamente o quê. Passados alguns dias notamos a falta desse colega na sala de aula e alguém falou: “Ah é por causa do irmão (ou primo) dele que morreu”. Daí eu lembro que uma professora falou assim(uma professora bem...assim expansiva): “Essas são as coisas do nosso governo!””, falou isso e mudou de*

*assunto. Eu fiquei pensando “Ela é professora de ciências e está falando sobre o governo, que será que tem a ver? (...). Passado algum tempo esse colega voltou e essa mesma professora de ciências pediu para que o colega explicasse para nós o que tinha acontecido, colocando-o lá na frente (...) José Augusto começou a contar que o primo ou irmão teria sido morto pelos policiais do DEOPS\*. DEOPS para mim soou como drops\*\*. O que será DEOPS? Daí eu pensei: Meu pai! (...) Será que meu pai estava junto?” (Vendramini, 1999: 162-163).*

Passagens do livro “Cinzas do Norte” nos remetem a fatos históricos, concretos e de conhecimento público e disparam várias possibilidades de práticas pedagógicas voltadas para colocar no cotidiano escolar, além dos fatos, pesquisas e publicações pouco referendadas outras narrativas, relacionadas com as experiências (ou inexistência delas) de cada um de nós sobre o que se discute coletivamente em sala de aula e/ou fora dela e relacionadas com a produção de sentidos através de nossas práticas sociais. (Spink, 2010).

Aqui adentramos no “terceiro movimento” desse artigo que é a relação dos textos ficcionais na constituição de um currículo escolar não-direcionado, nem oficializado nas e com as disciplinas e que relaciona as experiências dos sujeitos com a história, com a vida cotidiana e com a produção científica e cultural contemporâneas. Nessa perspectiva ler, ver ou ouvir a história e observar os emaranhados da vida do “outro” têm papel central e a passagem de “Cinzas do Norte” em que Lavo permanece atento aos detalhes do desconforto do seu amigo Mundo é um dos exemplos que ilustram esse argumento:

*“O desfile comemorava mais um aniversário do governo militar, e causara sensação na cidade. Os calouros, de boina vermelha e casaco de brim verde, marchavam em cadência e brio, e pareciam tomar o rumo de um futuro promissor. Mundo era o mais velho, o mais alto e também o*

\* DEOPS=Departamento de ordem política e social. Órgão repressivo da ditadura civil-militar. Ficou muito conhecida por ser também o local onde ocorria a tortura de opositores ao regime.

\*\* Drops= como eram conhecidas as balas açucaradas consumidas na época, pelos adolescentes.



*mais desengaçado. Naquele sábado, ele havia prometido passar em sua casa depois do desfile. Alícia soprou as unhas pintadas de grená, me chamou para perto da cristaleira e disse que o filho não vinha: ia participar de uma excursão na selva, perto de um rio; devia ser um acampamento do colégio. Estava preocupada, ele podia adoecer, contrair malária...” (Hatoum, 2005: 127).*

Como já observamos, o narrador em “Cinzas do Norte” é Lavo, o amigo de Mundo, que depois de receber uma carta de despedida do amigo inicia o processo de narrar a história.

A atenção ao amigo, aos detalhes de sua vida, suas idas e vindas se confundem com as suas próprias. A amizade, “ filha da disponibilidade do homem para com o seu semelhante” (Santiago, 2000: 214) e o que vem com ela constrói sentimentos de pertencimento, de responsabilidade, de compromisso e de solidariedade consigo e com o “outro”. Ao narrar a vida de Mundo, Lavo se vê, se reconhece e se situa nela.

Apesar das diferenças de classes sociais, os dois amigos compartilharam o mesmo contexto cultural e político e por alguns anos, o mesmo cotidiano escolar de uma escola pública de Manaus.

As relações de amizade entre “diferentes” surgidas no cotidiano escolar, talvez seja um dos principais marcos do que foi a escola pública no interior do Brasil nos anos 1960 e 1970, até que a política educacional da ditadura civil-militar, com o apoio de muitos professores e diretores dessas mesmas escolas, decidissem intervir.

Nas escolas públicas do interior do Brasil, os filhos e filhas de professores, médicos, dentistas, advogados, engenheiros e outras profissões “nobres” tinham suas vagas garantidas no ensino diurno e estudavam com aqueles que eram reconhecidos como sendo os melhores professores da cidade. Eles e elas iriam

prestar o vestibular para os mais concorridos e “nobres” cursos das universidades estatais e para isso “precisavam estar muito bem preparados”.

Aos outros e outras estudantes, filhos e filhas de pais com pouca ou nenhuma escolaridade, sobravam as vagas do curso noturno, que atendia os jovens que trabalhavam durante o dia e que dificilmente seguiriam uma vida profissional além daquela que já estavam encaminhados. Seriam funcionários do comércio, operários, motoristas, “donas de casa”.

Talvez alguns desses e dessas estudantes-trabalhadores, fizessem concursos para se tornarem funcionários públicos pouco especializados ou, em muitos casos, iriam estudar no curso noturno de alguma faculdade ou universidade privada do interior (que se originaram e se expandiram durante a ditadura civil-militar). Talvez se tornassem professores e professoras das mesmas escolas públicas de ensino médio e fundamental cada vez mais decadentes e carentes dos benefícios e empenhos governamentais e do capital simbólico que conheceram um dia.

Assim, há décadas, se reproduz no Brasil o ciclo em que estudantes-trabalhadores de escolas públicas de ensino fundamental e médio adentram, quando adentram, o ensino superior privado para se tornarem professores e professoras das escolas públicas de ensino básico e fundamental e os estudantes das caras escolas privadas de ensino fundamental e médio adentram os mais “nobres” e concorridos cursos das mais renomadas universidades estatais, atuando raramente, quando formados, como professores e professoras nas redes públicas de ensino básico e fundamental.

Os privilégios de classe no cotidiano escolar durante a ditadura fica mais explícita em “Cinzas do Norte” na passagem sobre o Colégio Militar de Manaus, para onde Mundo foi internado devido à sua rebeldia, no relato que ele faz sobre o seu amigo conhecido como Cará.

*“A maioria dos alunos do internato é cobaia. Ainda não mexeram comigo, meu pai é conhecido no Gabi-*



*nete do Comando. Com os outros internos é diferente. O cará era tratado como bicho, mangavam dele o tempo todo. Quando chovia, hasteava a bandeira no centro do pátio e tinha que ajudar na faxina. Com os pés- rapados não tem moleza... Os filhos pobres dos suboficiais que servem nas fronteiras, moleques que fazem o trabalho pesado e nunca vão conseguir ingressar numa Escola Preparatória de Cadetes, muito menos numa Academia Militar, jamais serão aspirantes a oficial. No máximo um sargento, um auxiliar de instrutor do Curso de Operação na Selva. Mas o Cará conhecia a mata como ninguém” (Hatoum, 2005: 174-175).*

“Mas o Cará conhecia a mata como ninguém”, esse contraponto na narrativa mostra o reconhecimento que um amigo é capaz de fazer sobre o outro, independente de suas origens e diferenças de classe quando mesmo em situação desconfortável, convive com ele, aprende dele, ouve o que ele tem a dizer, lê o que ele escreve. Essa frase mostra também que o conhecimento que os chamados “Pés-rapados”, como o Cará, têm da floresta se constitui um conhecimento indispensável para a ecologia contemporânea. O que se faz desse conhecimento? Onde e quando esse conhecimento é ouvido, levado em consideração? Como esse conhecimento adentra o cotidiano escolar, além dos momentos específicos em que os estudantes podem narrar o que sabem, o que viram e o que experimentaram cotidianamente?

Não são esses conhecimentos e sentimentos fundamentais para o conhecimento do tempo histórico, ou da “vida à deriva” (Hatoum, 2005: 10) em que nos encontramos e que o cotidiano escolar onde atuamos nos revela? Como deixar em segundo plano as diretrizes curriculares oficiais que desconsideram os conhecimentos de sujeitos como Cará e criar possibilidades curriculares com os questionamentos, conhecimentos, sentimentos, sensações, sentidos e significados da vida cotidiana experimentada por aqueles e aquelas que como pedras que rolam chegam até as escolas?

Seguindo então a sugestão de Juciane Cavalheiro no seu artigo “A primeira página: Milton Hatoum entre início e fim” (Cavalheiro, 2012) em que nos propõe um movimento constante de ida e de volta à primeira página, voltemos então a ela, à primeira página de “Cinzas do Norte”, para enfatizarmos mais uma vez com o quê estamos envolvidos:

*“Li a carta de Mundo num bar do beco das Cancelas, onde encontrei refúgio contra o rebuliço do centro do Rio e as discussões sobre o destino do país. Uma carta sem data, escrita numa clínica de Copacabana, aos solavancos e com uma caligrafia miúda e trêmula que revela a dor do meu amigo” (Hatoum, 2005: 9).*





## Referências

- ALVES, N. (2003). Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, (23), 23-74.
- BOURDIEU, P. (2010). *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. (2a edição). São Paulo: Cia das Letras.
- CARNEIRO, F. (2001). *Entre o cristal e a chama: ensaios sobre o leitor*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- CAVALHEIRO, J. (2012). A primeira página: Milton Hatoum entre início e fim. In A. Leão (Org.). *Amazônia: Literatura e cultura* (pp.167-174). Manaus: UEA Edições.
- CATUNDA, M. (2013). *ABC dos encontros sonoros: Entre cotidianos da educação ambiental*. Tese de Doutorado. Sorocaba: Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba.
- GERMANO, M. A. L. R. & Reigota, M. (2007). Paulo Freire em Sorocaba e Genebra: Entrevista com o professor Aldo Vannucchi. *Revista de Estudos Universitários*, 33(2), 145-154.
- GOMES, A. M. de C. & Schmidt, B. (Orgs.). (2010). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: EdFGV.
- GOMES, A. M. de C. (Org.). (2004). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: EdFGV.
- GOMES, G. M. (2007). A Manaus de Milton Hatoum em Cinzas do Norte. *Nau Literária*, 3(1), 1-15.
- HATOUM, M. (2013). *Um solitário à espreita*. São Paulo: Cia das Letras.
- HATOUM, M. (2011, 16 de setembro). Lições de uma inglesa. *O Estado de São Paulo*, p. D-14.
- HATOUM, M. (2011, 12 de novembro). O penúltimo afrancesado. *O Estado de São Paulo*, p. D-14.
- HATOUM, M. (2010, 15 de outubro). Uma viagem ao interior. *O Estado de São Paulo*, p. D-14.
- HATOUM, M. (2005). *Cinzas do Norte*. São Paulo: Cia das Letras.
- LEÃO, A. (2012). Regionalismo e representação da natureza em Milton Hatoum: Contribuição para um outro debate. In A. Leão (Org.). *Amazônia: Literatura e cultura* (pp. 61-89). Manaus: UEA Edições.
- LOPES, D. (2008). Silvano Santiago, Estudos Culturais e estudos LGBTs no Brasil. *Revista Iberoamericana*, (225), 943-957.
- MANGUEL, A. (2008). *A cidade das palavras: As histórias que contamos para saber quem somos*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Cia das Letras.
- MEDEIROS, R. F. (2004). Quem tem medo dos Estudos Culturais? *Organon*, (18). 161-165.
- MONTEIRO, H. M. Vale. (2013). *Narrativas dos moradores da terra indígena do Alto São Marcos-RR: Diálogos nas fronteiras do cotidiano escolar*. Dissertação de Mestrado. Sorocaba: Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba.



- OLIVEIRA, I. B. (2003). Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A.
- REIGOTA, M. (2010). O meio ambiente e a escola em Vidas Secas. In R.L. Garcia (Org.). Diálogos cotidianos (pp. 205-216). Petrópolis/Rio de Janeiro: DPet Alli/FAPERJ.
- REIGOTA, M. (2003). A floresta e a escola em Milton Hatoum. *Utopia y Práxis Latinoamericana*. 8(23), 117-124.
- RICHARD, N. (2010). Respuestas a un cuestionario: posiciones y situaciones. In N. Richard (Ed.). *En torno a los Estudios Culturales: Localidades, trayectorias y disputas* (pp. 67-82). Santiago/Buenos Aires: Editorial ARCIS/CLACSO.
- ROCHA, H. P. & Neto, Pinto P.C. (2012). Dos temores ao encanto: O cotidiano escolar na literatura brasileira. *Educação em Revista*, (28), 35-80.
- SANTIAGO, S. (2006). *A vida como literatura: O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: EdUFMG.
- SANTIAGO, S. (2004). *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: EdUFMG.
- SANTIAGO, S. (2000). *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco.
- SANTIAGO, S. (1981). *Em liberdade*. São Paulo: Paz e Terra.
- SANTIAGO, S. (1978). *Uma literatura nos trópicos: Ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva.
- SANTOS, K. A. B. (2012). A Manaus devastada em Dois Irmãos de Milton Hatoum, *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, (8), 73-86.
- SAID, E. W. (2005). *Representações do intelectual: As Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Cia das Letras. Tradução de Milton Hatoum.
- SERBIN, K. (2000). *Diálogos na sombra: Bispos e militares: Torturas e justiça na ditadura*. São Paulo: Cia das Letras.
- SPINK, M. J. P. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- VANNUCCHI, A. (2014). *Alexandre Vannucchi Leme: jovem, estudante, morto pela ditadura*. São Paulo: Contexto.
- VENDRAMINI, L. P. P. (1999). *Fios da memória das estudantes sorocabanas durante a ditadura militar-1964/1984*. Dissertação de Mestrado. Sorocaba: Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba.

